



RESEÑA LIBRO

Castro Freitas Ana Elisa de (2015) Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil – povos indígenas e os novos contornos do Programa de Educação Tutorial/Conexões de Saberes. Rio de Janeiro.

A presença de indígenas no Ensino Superior brasileiro se ampliou significativamente na última década. No início dos anos 2000, de um público tímido e notadamente invisibilizado, os estudantes indígenas passaram a acessar várias formas de ingresso às universidades, boa parte delas incentivadas por programas de ações afirmativas, chegando, até o momento, a se fazerem presentes em quase todas as universidades públicas no país e em diversos cursos, sejam eles específicos, como as licenciaturas interculturais, ou cursos regulares, como medicina, direito, ciências sociais, engenharia, gestão ambiental, etc. A partir dessa presença recente e crescente, muitas demandas passaram a ser colocadas às universidades, ampliando o leque de questões, até então restritas às formas de acesso, para se discutirem sobre modos de permanência e vivência universitários. Os trabalhos realizados pelos Grupos PET-Indígenas, contemplados pelo edital 09/2010 do Ministério da Educação e relatados nesse livro, são exemplos significativos desse movimento, ao mesmo tempo político e acadêmico, levantado pelos estudantes indígenas nas universidades. Os PET-Indígenas se mostram como espaços de reflexão fundamental para as experiências desses estudantes, possibilitando a eles e aos demais atores envolvidos, como professores e alunos não indígenas, pensarem sobre os sentidos de suas presenças nas universidades e construir as relações e as articulações necessárias para que essas experiências atendam suas necessidades e interesses.

O livro nos proporciona conhecer, em detalhes, os trabalhos realizados por 14 dos 17 Grupos PET-Indígenas aprovados pelo edital, além de apresentar um prefácio que comenta a importância do programa no cenário do ensino superior brasileiro, uma apresentação bastante esclarecedora sobre a construção e organização dos grupos PET-Indígenas e sobre os objetivos do livro, e ainda uma nota da gestão que criou o programa em nível governamental. Mas ele nos presenteia, especialmente, com as falas dos estudantes indígenas que participam dos programas, permitindo que nos aproximemos de suas experiências e possamos entender as principais reflexões suscitadas por elas. Com isso, notamos que muitas questões que se fazem presentes há bastante tempo no cotidiano das realidades indígenas são também apontadas e muitas vezes potencializadas nas experiências universitárias desses estudantes. Seria, no entanto, improdutivo e pouco atraente pontuar todas as reflexões presentes nos 21 trabalhos relatados no livro, mas para aguçar a curiosidade do leitor, apresentamos algumas dessas questões que nos parecem saltar aos olhos quando discutimos a presença indígena nas universidades.

A construção de uma identidade enquanto “estudante indígena” ou “pesquisador indígena”, por exemplo, está amplamente presente nos relatos, e é possível perceber que ela encontra força nos espaços dos Grupos PET-Indígenas. Estimular a reflexão sobre suas presenças e as questões advindas delas permite aos estudantes indígenas potencializarem relações entre si, identificando desafios e demandas em comum, e criando estratégias conjuntas de enfrentamento e superação. Muitos coletivos surgem na identificação dessas demandas, como, por exemplo, o Centro de Culturas Indígenas (CCI) da Universidade Federal de São Carlos, articulado pelos estudantes indígenas dessa universidade e reconhecido por professores e gestores universitários como um movimento político potente.

Mas há diferentes maneiras de se refletir sobre questões de identidade, e diferentes abordagens são contempladas pelo livro. Identidade pode ser pensada como um processo de construção estimulado justamente por um espaço no qual a diferença se faz presente, colocando muitas vezes aos estudantes indígenas a importância do reconhecimento político de seus pertencimentos étnicos nesses contextos. Nesse sentido, o PET Comunidades Indígenas da Universidade Federal do Acre nos apresenta, entre outras questões, o caso interessante de um estudante indígena que, a partir das reflexões realizadas pelo grupo, se deu conta de que “poderia ser ‘completamente’ e ‘verdadeiramente’ indígena morando na cidade e cursando universidade” (p. 34), por entender a identidade indígena enquanto atrelada a um processo cultural dinâmico e ativo. Esse “descobrimento”, que tem se manifestado nas experiências de muitos estudantes indígenas, como podemos observar em vários relatos presentes no livro, suscita e permite a eles se posicionarem frente aos diversos atores universitários, marcando suas presenças, defendendo suas trajetórias e colocando suas reivindicações. Não se trata, portanto, de uma identidade enquanto essência, mas enquanto construção política em um contexto relacional. Ou seja, não se trata de algo que se perde ou que se ganha, mas que se constrói, que se potencializa, que se reivindica, que se garante.

Parece ser outra a abordagem apresentada pelo PET-Indígena da Licenciatura Plena Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá/Unifap, que percebe a identidade indígena enquanto “fragilizada” (p. 85) e que precisa ser fortalecida por meio de ações de revitalização cultural.

A aplicabilidade da lei 11.645/2008 é outra questão bastante presente nos trabalhos relatados no livro. Aparecem com frequência nos relatos dos estudantes indígenas as imagens preconceituosas e equivocadas que alguns estudantes, professores e funcionários não indígenas possuem sobre as realidades das populações indígenas no Brasil. Diante disso, eles percebem a necessidade de elaborar projetos que possam informar e formar de maneira qualificada os estudantes do ensino básico brasileiro sobre a diversidade indígena contemporânea no país. O PET- Comunidades Indígenas da Universidade Federal da Bahia é um bom exemplo disso. A partir de uma pergunta posta no início de sua construção: “há indígenas na Bahia?” (p. 143), os estudantes indígenas dessa universidade se propuseram a construir materiais didáticos para subsidiar a discussão sobre as temáticas indígenas nas escolas públicas, de modo interdisciplinar. Um diferencial dessa experiência parece estar no fato dela estimular a memória e o registro das trajetórias dos

estudantes indígenas do grupo como parte das reflexões e dos conhecimentos construídos nesse trabalho.

A especificidade da pesquisa para o estudante indígena universitário também aparece como questão candente. Quase todos os trabalhos evocam o diferencial que se coloca aos estudantes indígenas quando buscam refletir sobre as situações de suas comunidades ou localidades de origem. Debates sobre metodologias de pesquisa, relações de afastamento ou de pertencimento, a possibilidade de um olhar “de dentro”, porém construído por referenciais teóricos e práticas de pesquisa acadêmicas surgem ao longo dessas reflexões. Especialmente se busca debater sobre a condição dupla, ou muitas vezes múltipla, assumida pelo estudante/pesquisador indígena, quer como interlocutor e mediador no diálogo com sua comunidade, quer como intelectual formado por uma tradição acadêmica de pesquisa. A busca pelo diálogo entre saberes indígenas e acadêmicos e por conexões entre as experiências de vida e de formação dos estudantes indígenas parece ser a proposta de muitos trabalhos presentes no livro. Entre eles, destaca-se a experiência do estudante kaingang Douglas Jacinto da Rocha, cujo espaço de extensão e pesquisa do PET-Litoral Indígena da Universidade Federal do Paraná possibilitou o ingresso de temas relacionados à experiência de vida de sua comunidade (p. 253). Outro exemplo seria o PET-Indígena Ações em Saúde UFSCar que, entre suas atividades de pesquisa e atuação, buscou conhecer as demandas das comunidades indígenas as quais os estudantes do grupo pertenciam (p. 181).

Para além das interessantes propostas de pesquisa e de extensão e para além das questões acima destacadas, voltamos a salientar que nos parece, sobretudo, essencial a importância que os grupos PET-Indígenas tiveram enquanto construção de um espaço de reflexão e de diálogo que oportunizou aos estudantes indígenas darem visibilidade às suas vivências e experiências universitárias. Isso é perceptível, inclusive, nos trabalhos que optaram por incluir somente os relatos e as contribuições desses estudantes na escrita dos textos. Não nos parece se tratar somente de dar vozes aos estudantes indígenas e de permitir a eles o protagonismo, mas também de repensar metodologias de pesquisa e de formação acadêmica.

Por fim, gostaríamos de enfatizar o olhar necessário e atento que devemos dirigir às trajetórias e às diferentes relações construídas por esses estudantes indígenas ao longo de suas experiências universitárias, como bem apontou um deles, membro do PET-Indígena Ações em Saúde da UFSCar: “em que ou em quem nos apegamos para seguir em frente” (p. 211). Conhecer essas experiências por meio da leitura desses trabalhos nos permite notar que são as relações produzidas e potencializadas por esses estudantes tanto dentro da academia, com professores, colegas, orientadores, como em suas comunidades indígenas, com familiares, lideranças, conhecedores que conduzem os caminhos pelos quais eles constroem suas experiências universitárias. O debate sobre a presença indígena nas universidades deve, portanto, estar sempre atento à produção dessas múltiplas e complexas relações.

Talita Lazarin Dal' Bó
Estudiante del Doctorado del Programa de Posgrado
en Antropología Social de la Universidad de San Pablo
Correo electrónico: talita.lazarin@gmail.com